

Antropologia em Timor Português - Os constrangimentos do colonialismo *

Maria Johanna Schouten
Universidade da Beira Interior

Índice

1	Os caminhos da antropologia	2
2	Os povos de Timor	4
3	Mendes Correia e António de Almeida - contribuições para a antropologia de Timor	6
4	Uma missão civilizadora	9
5	Referências Bibliográficas	12

António Augusto Mendes Correia, grande autoridade na antropologia (e na vida pública) em Portugal durante o Estado Novo, costumava elogiar a “tradicional ansiedade lusitana pelos problemas científicos coloniais”.¹ Referia-se ao período dos Descobrimientos, às pesquisas de Rodrigues Ferreira na Amazônia, e às expedições de Ivens, Capelo e Serpa Pinto em África.² Sem dúvida, estes pioneiros deixaram-nos um trabalho de valor incalculável. Por exemplo, as etnografias sobre a Ásia redigidas por portugueses na época dos Descobrimientos, mantêm-se como fontes de conhecimentos ricos e extra-

ordinárias. As obras de autores como Tomé Pires, Duarte Barbosa, Francisco Rodrigues e até Mendes Pinto, para além de proporcionarem uma leitura agradável, são consultadas e comentadas quase diariamente a nível internacional por antropólogos e historiadores que se dediquem à Ásia.³ No entanto, no que diz respeito aos estudos antropológicos efectuados por portugueses nas suas colónias, não será fácil concordar com Mendes Correia. No período colonial (entre os finais do século XIX e 1974), obras portuguesas de antropologia não só eram escassas, como também não acompanhavam plenamente a evolução internacional desta disciplina científica.

Nas páginas que se seguem, serão considerados alguns dos trabalhos antropológicos realizados no então Timor Português, à luz das características gerais da antropologia portuguesa e de certas facetas da política colonial. Estes dois factores não podem ser separados e, com efeito, influenciaram-se mutuamente. Saber é poder, mas o poder também ajuda, impede ou condiciona a obtenção de conhecimentos. No caso do Estado Novo

*Este texto é baseado numa comunicação apresentada no Congresso *Práticas e Terrenos da Antropologia em Portugal*, Lisboa, Novembro de 1999.

¹ Correia 1945a: 11.

² Correia 1945a: 11.

³ E são a base de obras de referência contemporâneas, por exemplo os dois volumes de Anthony Reid *Southeast Asia in the Age of Commerce* (1988, 1993).

português, verificou-se isso, nomeadamente numa área politicamente tão sensível como a antropologia das colónias.

Independentemente destas considerações, os resultados da pesquisa antropológica em Timor merecem a nossa atenção, agora que Timor Leste assume o estatuto de jovem Estado. Felizmente, têm-se desenvolvido várias iniciativas que visam a recuperação dos dados etnográficos levantados no passado. Das obras escritas, o investigador australiano Kevin Sherlock fez um levantamento minucioso e admirável, e este foi complementado pela exploração, por René Pélissier, da “*littérature grise*” sobre Timor.⁴ E estas são apenas algumas das bibliografias recentes.⁵ São também várias as novas edições de obras de interesse etnográfico,⁶ nomeadamente a reedição num só volume dos estudos de António de Almeida sobre a Ásia.⁷ As décadas de guerra em Timor deixaram marcas profundas o que se reflectirá nas expressões da cultura. Da cultura material tradicional, devido a pilhagens em grande escala, será provavelmente mais fácil encontrar amostras em museus ou em colecções particulares em Portugal e na Austrália do que no próprio território timorense.⁸

⁴ Sherlock 1980; Pélissier 1996: 326-344, e *passim*.

⁵ Por exemplo, Rowland 1992; Rony e Wiarda 1997.

⁶ Ver Cinatti 1996 (reedição de 1968); Castro 1996 (reedição de 1943).

⁷ Almeida 1994. Este volume foi organizado pelo Centro de Antropobiologia em Lisboa, nomeadamente por Apolinário Guterres.

⁸ Guterres e Simith 2001.

1 Os caminhos da antropologia

Entre os estudos efectuados no período colonial sobre a população de Timor, muitos dedicam-se à fisionomia. Efectivamente, os timorenses apresentam uma grande heterogeneidade neste aspecto e assim tornam-se um objecto de estudo privilegiado da antropologia física. Esta era, aliás, a orientação dominante da antropologia portuguesa nas colónias, uma atitude que nos faz lembrar a fase inicial da antropologia como disciplina científica. Nos anos 50 e 60 do século XIX, quando foram criados em diversos países as Sociedades e as Associações Antropológicas, a Antropologia era considerada a “Ciência da Natureza Total do Homem” (nas palavras de James Hunt, fundador da Sociedade Antropológica de Londres) e os traços físicos eram tidos como pistas importantes no processo que deveria levar à compreensão desse “Homem”.⁹ Especialmente os crânios eram um objecto de estudo privilegiado, porque era suposto que “..a organização física, em particular as características craniológicas, governam o desenvolvimento das capacidades psíquicas.”¹⁰ O crânio, portanto, seria o ponto de encontro da biologia com os aspectos mentais, sociais e culturais. É bem conhecido o grande interesse de cientistas do século XIX em adquirir crânios

⁹ Stocking 1987: 247; Young 1995: 134-135; Winthrop 1991: 102.

¹⁰ Dias 1996: 24, citando Elizabeth Williams. Ver também Severin 1998: 280; Labrousse 2000: 250-251. Lembre-se a importância que nos debates, na medicina e na antropologia, sobre a diferença entre homem e mulher, era atribuída à respectiva capacidade craniana. Ver Amâncio 1994: 17-18; De Groot 2000: 41-42.

humanos, que serviam como base de estudo antropológico.¹¹

Nas décadas seguintes, o interesse principal da antropologia variava de país para país. Na Inglaterra e nalguns outros países, a antropologia física seria reduzida à condição de um dos ramos da antropologia, enquanto que em França e na Alemanha, ela mantinha o lugar de destaque.¹² Na Alemanha, no século XIX, os antropólogos eram na sua larga maioria médicos, inclusivé o grande investigador Rudolf Virchow, que foi, durante anos, Presidente da respeitada Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. Nas reuniões desta Gesellschaft, os temas apresentados compreendiam achados arqueológicos e objectos etnográficos, mas a maior parte incidia sobre a fisiologia, as funções físicas e as intervenções sobre o corpo nas mais variadas culturas - constituindo estes “temas somáticos” as razões avançadas para impedir que as mulheres se tornassem sócias da Gesellschaft.¹³

A mais valiosa propriedade da Gesellschaft era a sua colecção de crânios, que incluía alguns exemplares oriundos de Ti-

mor.¹⁴ Em Portugal também havia crânios de Timor em colecções científicas, nomeadamente um conjunto de 35 exemplares no Museu da Universidade de Coimbra, já descrito em 1893-4, que durante meio século motivou vários estudos sobre a antropologia de Timor.¹⁵ Quando, nos anos 30, se questionava a proveniência dos crânios, a polémica acendia-se – um facto que já por si confirma a importância (ainda) atribuída a crânios. Em Timor, os portugueses tinham facilidade em obter crânios, dada o lugar central dos rituais de caça à cabeça nas culturas dos povos dessa ilha. A motivação das forças militares indígenas que ajudavam os portugueses no estabelecimento da hegemonia colonial na ilha era em parte inspirada pela possibilidade de cortar as cabeças aos adversários; estas cabeças, depois, foram oferecidas aos portugueses em troca de panos ou jóias. As tradicionais “festas das cabeças”, após tais campanhas militares eram toleradas pelos portugueses, ou talvez mesmo incentivadas.¹⁶

Do exposto é evidente que a antropologia portuguesa quanto ao estudo de povos de países de fora da Europa seguia o rumo “continental”. Durante muito tempo manteve-se fiel a essa abordagem, mesmo quando esta noutros países já tinha caído em desuso ou, pelo menos, era complementada por outras orientações. Uma outra vertente da antropologia portuguesa era constituída pelo in-

¹¹ Militares tinham mais oportunidades em obter crânios, nas suas expedições. Por exemplo, o capitão Arthur Fonseca Cardoso, pertencente à primeira geração da chamada “Escola Antropológica Portuense”, numa campanha na Índia obteve seis crânios; publicou subsequentemente um artigo, intitulado “O indígena de Satary” (1898, ver Correia 1941: 12-13). Sobre a “caça aos crânios” pelos cientistas no século XIX, no Sudeste Asiático, ver Pannell 1992, e especialmente Labrousse 2000: 252-253.

¹² Stocking 1988: 9; Dias 1996: 26. Segundo Proctor (1988: 141) “German and French Anthropologie was intended to be a natural science, roughly equivalent to what, in the Anglo-American world, came to be known as physical anthropology.”

¹³ Pohle 1970: 21.

¹⁴ Pohle 1970: 26. A. Langen enviou em 1884 dois crânios, que subsequentemente foram descritos por Virchow (veja *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* 16, citado por Schlicher 1996: 105; 147-149).

¹⁵ Cunha 1893-4; 1937; 1944.

¹⁶ Pélissier 1996: 48, 52, 294, 295; Schlicher 1996: 177-178;

teresse pela cultura em Portugal, nomeadamente a chamada cultura popular do meio rural.¹⁷ Este interesse pelo folclore também existia em Escandinávia e na Alemanha, países à procura de uma identidade nacional.¹⁸ A diferença em relação a Portugal é que esses outros países (Alemanha e Noruega, nomeadamente) apenas por volta de 1900 se puderam afirmar como Estado, enquanto Portugal tinha existido como país com fronteiras praticamente inalteradas desde o século XII. No entanto, Portugal também precisava de se afirmar como Estado de peso, nessa época em que dominava o sentimento de perda de um império, associada à frustração das ambições em África, especialmente a seguir do Ultimato de 1890.

As pesquisas antropológicas no “Ultramar” português consistiam quase só em observações sobre a biologia humana e na recolha da cultura material.¹⁹ A missão de Jorge Dias em Moçambique, já nos finais dos anos 1950, com o objectivo de registar a cultura dos Maconde, era um passo tardio e, até 1974, constituiu uma excepção.²⁰

No Timor Português foi criado, em 1953, o Centro de Investigação, uma das actividades da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar. As tarefas propostas na área da antropologia relacionavam-se com a antropologia física e a pré-história, e visava-se algum levantamento de dados sobre “a dieta, registo de mutilações étnicas, o número de filhos, vivos e mortos, alguns dos seus usos e costumes e dados linguísticos,

etc.”²¹ São curiosas as semelhanças com as orientações da antropologia continental da segunda metade do século XIX, que eram: “.. largely ... physical anthropology, material culture, demography, and linguistics of the word-list variety.”²² Uma abordagem cuja actualização em Portugal levou muito tempo.

2 Os povos de Timor

Para um cientista interessado na diversidade de fenótipos humanos, um encontro com a população de Timor e das ilhas adjacentes é fascinante. Por um lado, há timorenses com traços vulgarmente designados como “malaios” e, por outro, há aqueles com traços chamados “melanésios” ou “papua”, - e ainda muitos outros, cuja classificação é, de facto, inviável.

A esta diversidade no aspecto fisiológico junta-se a complexidade linguística. Das múltiplas línguas, a maior parte pertence à grande família austronésia, mas também estão presentes algumas línguas não-austronésias. Nas zonas de Timor antigamente governadas pelos Portugueses falavam-se todas as línguas indígenas timorenses (à excepção do Helon), enquanto que no Timor Indonésio apenas existem quatro línguas indígenas. O grupo etnolinguístico dos Atoni (também chamado Vaiqueno ou Dawan), que vive em Timor Ocidental e Oikusi, é o maior da ilha e é considerado um dos mais antigos, entre outras razões, em virtude dos seus traços corporais “melanésios”. Nisso distingue-se, por exemplo, dos Belu (Tétum), que vi-

¹⁷ Duarte 1999.

¹⁸ Eriksen 1993: 101-102.

¹⁹ Areia 1985: 139.

²⁰ Ver Pereira 1986.

²¹ António de Almeida 1954: 352. (Almeida 1994: 26.)

²² Stocking (1991: 63), em relação a Nikolai Miklouho-Maclay, etnógrafo oitocentista, que trabalhou principalmente na Nova Guiné.

vem na parte central da ilha e numa área mais oriental, e que parecem mais “malaios”.²³ Eles são provavelmente originários de ilhas situadas no Ocidente, entre as quais Celébes (Sulawesi) é frequentemente referida na sua mitologia.²⁴

Com efeito, os povos que habitam o grande arquipélago da Insulíndia durante muito tempo têm sido divididos por observadores ocidentais em duas grandes categorias: os Malaios e os Melanésios (ou Papua). Tais classificações de tipos fisiológicos, no século XIX, facilmente se estendiam a características mentais, com o pressuposto de que a aparência revelava o carácter e a cultura. Estudos etnológicos às vezes denominaram os (grupos de) povos discutidos segundo as suas características fisiológicas em vez de características culturais ou em vez de empregar nomes para os grupos étnicos.²⁵

Um representante destas ideias é Alfred Russel Wallace, que relacionava as diferenças observadas no comportamento e “carácter moral” entre os Papuas (os orientais), e os Malaios (os ocidentais) com as suas diferenças corporais.²⁶ Para ele, os Malaios e os Papuas eram “two of the most distinct and strongly marked races that the earth contains ... being distinguished by physical, mental and moral characteristics, all of the most marked and striking kind.”²⁷ Se os grupos classificados como Papuas eram activos, ruidosos e extrovertidos, já os Malaios eram tranquilos, indolentes e escondiam os seus sentimentos, segundo este autor.

Nas suas expedições científicas no arqui-

pélago, Wallace permaneceu alguns meses em Timor oriental, em 1861. A que categoria pertenciam os timorenses, com toda a sua diversidade? Wallace não tem dúvidas que eles não são Malaios, nem em aparência nem em comportamento. É assim que ele retrata as mulheres de Timor (neste caso, de Kupang): “The way in which the women talk to each other and to the men, their loud voices and laughter, and general character of self-assertion, would enable an experienced observer to decide, even without seeing them, that they were not Malays.”²⁸

A conclusão de que o elemento malaio tinha uma importância menor foi reiterada sessenta anos mais tarde por Hendrik Bijlmer, que, como médico ao serviço do exército holandês fez investigações na área da antropologia biológica: “In Timor and East Flores, one feels one is absolutely no longer among Malays.”²⁹ Mas a situação era complexa: “Where does ‘Melanesian’ end and where does ‘Mongolian’ begin?”³⁰ Bijlmer estava, portanto, consciente da dificuldade em estabelecer fronteiras – um problema hoje familiar entre antropólogos quer se debrucem sobre cultura, fisiologia ou língua, quer sobre demarcações entre grupos étnicos.³¹

Bijlmer não encontrou critério para dividir correctamente em dois os fenótipos encontrados, e nem o de “Mongol fold”, como forma particular do olho, tinha utilidade: “I indeed often found the most perfect Mongol

²³Hicks 1972.

²⁴Barnes 1995: 307.

²⁵Por exemplo, Riedel 1886 ; Bijlmer 1930.

²⁶Wallace 1962: 15.

²⁷Wallace 1962: 317; 332.

²⁸Wallace 1962: 142.

²⁹Bijlmer 1929: 189.

³⁰Bijlmer 1929: 83. “Mongolian” é como o autor aqui denomina “malaio”.

³¹Uma exposição excelente sobre a problemática de distinguir povos e atribuí- lhes nomes é, sobre a ilha de Bornéu, em Wadley 2000.

fold on the most Negroid face!”³² De igual modo, não verificou uma correlação entre a incidência de cabelos lisos e a de “Mongol fold”. Por exemplo, dos Belu só 10% manifestavam estas duas características. Uma conclusão certa de Bijlmer era a de que, dos povos observados na zona, em Timor os Atoni eram os mais “Melanésios”, a seguir aos habitantes da parte oriental da ilha de Flores (Larantuka).³³

3 Mendes Correia e António de Almeida - contribuições para a antropologia de Timor

Também os antropólogos portugueses concluíram que o elemento papua (melanésio) era o mais notável na parte ocidental da ilha, entre os Atoni. Esses antropólogos, no entanto, aplicavam uma metodologia diferente da de, por exemplo, Bijlmer.

António Augusto Mendes Correia era um desses antropólogos que se dedicaram à antropologia de Timor, quer de perto, quer à distância. Médico de raiz, durante largos anos professor de antropologia, geografia e etnografia no Porto e em Lisboa, e também presidente da JMGIC, a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (mais tarde: do Ultramar), criada em 1936, Mendes Correia centrou-se na antropologia física.

Em 1916 publicou dois artigos a partir de manuscritos e apontamentos feitos pelo militar e antropólogo Arthur Augusto Fonseca Cardoso,³⁴ que observou centenas de indiví-

duos em Timor. Consta do texto que Mendes Correia conhecia as obras de cientistas que já tinham visitado a ilha, nomeadamente de Wallace, do biólogo escocês Henry Forbes e do médico e antropólogo holandês Herman ten Kate. Este mantinha uma correspondência com Mendes Correia, como aliás também com Wenceslau de Moraes.³⁵

Nesse mesmo ano, Mendes Correia publicou o artigo “Antropologia Timorense”³⁶; por detrás deste título escondia-se um tratado sobre as características anatómicas e fisiológicas de timorenses. Para um artigo posterior, com título semelhante, “Antropologia de Timor”, o antropólogo observou os timorenses presentes na Exposição Colonial, de 1934.³⁷

A descrição e medição desses timorenses, “em exposição” na metrópole, e também dos timorenses na Exposição do Mundo Português de 1940, foram actividades de pesquisa que Mendes Correia considerava fundamentais. Os resultados forneceram elementos importantes para a sua principal obra sobre Timor, *Timor Português; Contribuições para o seu estudo antropológico*, publicada

³⁵ Correia 1932. Moraes, escritor português que passou grande parte da sua vida no Oriente, nomeadamente no Japão, país que é o cenário de muitas das suas obras.

³⁶ Correia 1916c.

³⁷ Em *Boletim Geral das Colónias* 10(108): 205-207, de 1934. Kevin Sherlock nota que é uma reedição do artigo que foi publicado, com o título “Timorenses na Exposição”, no órgão oficial da Exposição Colonial, *Ultramar*. Veja também “Representação indígena de Timor”, *Boletim Geral das Colónias* 10(108): 159-160. Nas Exposições Mundiais e eventos semelhantes, era normal a apresentação de seres humanos de outros países (nomeadamente os colonizados). Ver Greenhalgh 1988: 82-111.

³² Bijlmer 1929: 85.

³³ Bijlmer 1929: 190.

³⁴ Correia 1916a, Correia 1916b. Ver também nota 12.

em 1944, e classificada por Kevin Sherlock como um “standard item”³⁸.

Uma outra base desta obra foram as centenas de fotografias de timorenses, naturais de diversas regiões. Esse material visual foi encomendado pelo Coronel Álvaro da Fontoura, Governador de 1937 até 1940, e custeado pela JMGIC. Foi também a referida Junta que forneceu as verbas para as publicações daí resultantes.³⁹ Em 1953 Mendes Correia permaneceu durante um mês em Timor Leste, onde uma equipa de antropólogos enviados pela Junta iniciava as suas pesquisas.

Estas investigações eram coordenadas por António de Almeida (1900-1984), homem que se evidenciou, em relação a Timor, como investigador extremamente produtivo e universal. Foi um antropólogo no sentido mais lato, ou seja, no sentido antigo. Já anteriormente, tinha coordenado cinco expedições antropológicas e arqueológicas em Angola, e em 1954 foi adjunto da Missão Científica de São Tomé. Como chefe de Missão Antropológica de Timor (a partir de 1953-54), trabalhou nas várias campanhas em conjunto com Mendes Correia, Ruy Cinatti⁴⁰ e outros. Realizou pesquisas entre os 31 grupos étnico-linguísticos timorenses que distinguia,⁴¹ e também entre os Chineses oriun-

dos de Macau residentes em Timor. Exemplos dos seus temas são - se nos limitarmos à etnografia - a onomástica-tabu, a cultura material, a etnozoologia e a etnobotânica. No entanto, o seu tratamento dessa matéria raramente ia além das descrições.

O estudo mais antigo de Almeida sobre Timor a que tive acesso (datado de 1946, e baseado em relatos de outros autores)⁴² aborda um aspecto corporal: as práticas de mutilação. Esta temática insere-se na linha dos seus interesses, já anteriormente manifestados, nomeadamente na sua dissertação do concurso para professor da Escola Superior Colonial, em 1937.⁴³ É de notar que também o seu, aparentemente, último artigo sobre Timor (de 1977, redigido com Maria Emília de Castro e Almeida)⁴⁴ trata as mutilações, mais especificamente dos dentes, “...ces curieux aspects ethno-morphobiologiques”. Este artigo é, creio eu, um bom exemplo do seu modo de fazer etnografia: atribui interesse aos aspectos somáticos e aos pormenores, sem chegar a uma síntese original. Com a minuciosidade característica das suas descrições, todos os grupos etno-linguísticos de Timor Leste são enumerados, de forma esquemática, cada um com os seus hábitos próprios em relação à mutilação dentária.

Em muitas das suas publicações, António de Almeida faz questão de mencionar os no-

este antropólogo não se deslocava às áreas de todos os grupos referidos, mas no caso de alguns limitava-se a entrevistas com pessoas presentes em Díli, ou até empregava intermediários, por exemplo pessoal médico.

³⁸ Correia 1944 ; Sherlock 1980: XII.

³⁹ Correia 1945a: 12.

⁴⁰ Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes (poeta, além de engenheiro agrónomo e antropólogo) permaneceu durante décadas em Timor Leste. Publicou, entre outros textos, sobre temas ligados à botânica, antropologia e arquitectura timorense (Ver Cinatti 1987; 1996).

⁴¹ Havia, e há, divergência de opiniões acerca do número de grupos etnolingüísticos. O debate acerca deste assunto é exposto com clareza por Maria Emília de Castro e Almeida (1982), embora os dados estejam hoje desactualizados. Quanto a António de Almeida,

⁴² Almeida 1946. (1994: 321-378.)

⁴³ *Sobre mutilações étnicas dos aborígenes de Angola* (1937); e artigos posteriores sobre mutilações na Guiné (1940), no Cabo Verde (1941), e em São Tomé e Príncipe (1943).

⁴⁴ Almeida e Castro e Almeida 1977. (Almeida 1994: 669-678.)

mes e as particularidades dos grupos etno-linguísticos que constituem, segundo a sua classificação, a população indígena de Timor Leste. A diversidade cultural do povo timorense é óbvia na variedade de línguas e na cultura material, nomeadamente na arquitectura, bem descrita por Ruy Cinatti.⁴⁵ No entanto, a taxonomia de Almeida parece demasiado sofisticada e estática, apresentando dezenas de categorias de timorenses e não-timorenses, mas ignorando a importância numérica e cultural dos timorenses que pertencem simultaneamente a vários grupos, por ascendência ou por vivência. As “fronteiras” entre os diversos grupos, de certeza, não eram tão fixas como as suas obras sugerem. Já autores anteriores a ele, por exemplo Barros e Cunha, fizeram referência à “larga mestiçagem de raças diversas na população de Timor”.⁴⁶

O esquema pormenorizado numa obra de Almeida de 1966 contém a categoria “mestiços de vária ascendência”, a ser dividida em “Luso-descendentes” e “Outros”, mas esta categoria não está explicitada. O mesmo esquema pode até levar a mal entendidos, equiparando “Timorenses indonésios” a “moiros”, visto que em Timor Indonésio (Timor Ocidental) o Islão não é a religião dominante. Esta categoria de Almeida provavelmente incluiu muçulmanos provenientes de outras ilhas da Indonésia.⁴⁷

As classificações de Almeida também surpreendem pelo facto de não fazerem referência a africanos, isto ainda que moçambicanos e angolanos, em número apreciável, ti-

vessem feito parte das tropas subalternas que participaram, meio século antes, na “pacificação”.⁴⁸ É verdade que o seu número, e os seus vestígios observáveis, diminuíram. Já segundo o censo de 1936, os “negros africanos” só perfaziam 157, numa população total de 463 996,⁴⁹ enquanto em 1970 da população de 606 477, classificados como negros eram 22, e 42 como indianos.⁵⁰

Com a sua taxonomia da população indígena, Almeida enquadrava-se nas tendências gerais dos poderes coloniais, que costumavam salientar a diversidade étnica dos povos submetidos. Cada grupo étnico era encarado e tratado de forma diferente, de acordo com ideias (baseadas ou não em pesquisas antropológicas) sobre a sua vida social e cultural, a sua fisiologia e o seu carácter. A suposição duma correlação entre aspectos físicos e mentais é antiga e particularmente presente na antropologia do século XIX, como já referido. No entanto, no caso de António de Almeida, não verifiquei nenhuma tendência para atribuir traços de carácter a um determinado grupo timorense.

O regime colonial português aproveitou-se do interesse antropológico pela fisiologia. Estudos de antropobiologia pareciam permitir uma avaliação da utilidade e das aptidões dos indígenas.⁵¹ Mendes Correia, no seu artigo “Valor psico-social comparado das raças coloniais”, abordava (nomeadamente entre os africanos) factores como “aptidão para o trabalho”, “impulsividade”, “inteligência

⁴⁵ Cinatti 1987.

⁴⁶ Cunha 1944: 7 (afirmação baseada em correspondência com pessoas que residiam em Timor, nomeadamente o militar José S. Martinho).

⁴⁷ Almeida 1966-67: 23-4 (1994: 99-100).

⁴⁸ Péliissier 1996: 91-94; 105; Forbes 1887: 232.

⁴⁹ Correia 1945b: 16.

⁵⁰ Suparlan 1980: 41-42.

⁵¹ Compare Duarte 1999: 92, sobre os motivos das Missões Antropológicas para as colónias iniciadas em 1934.

global” e “educabilidade”. O tipo físico forneceria, para tal, já algumas indicações.⁵²

Nesta abordagem raramente se considerava a possibilidade de influências dos contactos existentes entre grupos, ou de mudanças sociais. Almeida nega explicitamente quaisquer influências culturais do lado dos chineses e de pessoas oriundas das ilhas da Indonésia presentes em Timor Português.⁵³ No entanto, havia um povo que, segundo ele, exercia grande impacto cultural: os portugueses. Hoje, após a ocupação pela Indonésia e em pleno processo de “nation building”, no qual Timor Leste salienta elementos da sua singularidade, é curiosa a seguinte observação de Almeida, por volta de 1960: “[A] cultura portuguesa em Timor tende a suplantear com êxito crescente a cultura indonésico-malaia”⁵⁴. Este “aportuguesamento”, suposto ou verdadeiro, e as ideias acerca dele constituem um assunto a ser abordado na próxima secção.

4 Uma missão civilizadora

A mudança da sociedade timorense sob a influência portuguesa é um tema recorrente na obra de Almeida: “Ao longo de mais de quatro séculos, a actividade civilizadora dos Portugueses impressionou funda e duradouramente os naturais de Timor”⁵⁵. Confirmava,

⁵² Correia 1934. Outras dimensões eram “moralidade”; “sugestibilidade”; “resolução ou decisão”; “previdência”; “tenacidade”; “inteligência global”; “educabilidade”. O artigo em questão assenta numa metodologia duvidosa, o que o próprio autor reconhecia mas que não o impediu de apresentar os resultados. Exemplos do racismo explícito de Mendes Correia encontram-se em Almeida 2001: 183.

⁵³ Almeida 1961: 39 (1994: 461).

⁵⁴ Almeida 1961: 39 [1994: 461.]

⁵⁵ Almeida 1961: 36. (1994: 458).

assim, com a sua autoridade de antropólogo, uma ideia já difundida em Portugal, e que se juntava às mensagens do Estado Novo. A introdução da civilização portuguesa, considerada superior, era uma missão sagrada, servindo, ao mesmo tempo, como justificação da presença lusitana.

Desta chamada actividade civilizadora, Almeida dá exemplos: para além de serviços de saúde e de polícia, os portugueses introduziram o milho, o boi, o porco de boas raças, a enxada e outros utensílios, fósforos e produtos de nylon ou de elástico. Eles ensinaram os timorenses a fazer queijo e manteiga, e melhoraram-se as habitações.⁵⁶ Hoje sabemos sobre todos estes exemplos, que a sua introdução apenas se limitava nalgumas áreas geográficas, e mesmo lá não era acessível a todos.

Almeida assinalava em conclusão que “[a] nossa presença faz extinguir ou esmorecer a frequência de velhas práticas ergológicas nativas.”⁵⁷ Uma tendência deste género seria lamentada por muitos antropólogos, atendendo ao respeito e fascínio que essa categoria profissional por hábito tem pela diversidade de expressões culturais. Não era o caso de Almeida, que não evidenciava arrependimento em relação ao desaparecimento de aspectos da cultura antiga. Paradigmática é a sua atitude em relação às técnicas tradicionais de tecelagem *ikat*, por meio das quais se produziam panos com desenhos encantadores - panos que também tinham funções simbólicas e rituais⁵⁸. Almeida, na parca atenção que dá a esta técnica, no seu retrato da

⁵⁶ Almeida 1961: 37 (1994: 459).

⁵⁷ Almeida 1961: 36-37 (1994: 458-459).

⁵⁸ Veja sobre esse tipo de tecelagem, Schulte Nordholt 1971: 41-46; Schouten no prelo. Sobre expressões artísticas timorenses em geral, Cinatti 1987.

indústria do algodão, admite que “[a] tecelagem, tão florescente em passado não distante ... está em decadência *por virtude* da importação cada vez maior de tecidos.”⁵⁹ (sublinhado meu). E mais uma vez refere-se ao material sintético (acessível graças aos portugueses), enquanto, noutras páginas da sua obra, menciona a costura e o bordado que as raparigas aprendem nas escolas. As Irmãs Canossianas, como sabemos por Francisco Meneses, ensinavam também a técnica portuguesa de desfiação; e as rendas produzidas em Timor seriam ainda mais belas que as da ilha de Madeira e de Peniche.⁶⁰ Esta arte, provavelmente, pretendia substituir, como “lavor feminino”, a de tecelagem *ikat*, igualmente laboriosa. No entanto, outros portugueses mostraram admiração pelo *ikat*, como Ruy Cinatti e Almeida e Carmo; este recomenda protecção e estímulo para o fabrico caseiro.⁶¹

Mesmo uma das práticas que Almeida privilegiava nas suas pesquisas, a mutilação dentária, não parecia merecer-lhe muita consideração. Como escrevia, o pintar de preto os dentes está “...en disparition, surtout au

⁵⁹ Almeida 1959: 446-447 (1994: 382-383). Segundo Schulte Nordholt (1971: 46), os Atoni de Timor Ocidental, após a ocupação japonesa, retomaram a arte de tecelagem, e em 1969 em toda a parte, à excepção da cidade de Kupang, as pessoas vestiam ainda a roupa tradicional. Também é assim em Timor Leste, como o mostram imagens da tv e os relatórios contemporâneos (ver, por exemplo, Kohen 1999: 24).

⁶⁰ Meneses 1968: 329, citando Teófilo Duarte. O ensino de labores femininos, estilo ocidental, acontecia, de resto, em quase todas as colónias, não apenas as portuguesas.

⁶¹ Carmo 1965: 102.

sexe masculin, *grâce à l'acculturation portugaise*”⁶² (sublinhado meu).

Ele considera como um dos mais importantes aspectos da “impregnação da cultura ocidentalóide” em Timor Leste, os de carácter “animológico”, quer dizer a introdução de escolas e do Catolicismo.⁶³ No princípio dos anos 1960, considerou já como numerosos os testemunhos de “portuguesismo” entre os timorenses,⁶⁴ devido, em primeiro lugar, à acção missionária. Era, portanto, um êxito do grande projecto missionário nas colónias de Portugal, caracterizado tão acertadamente por Paulo Valverde “como um trabalho simultâneo que visa cristianizar - ou antes catolizar - civilizar e portugalizar”⁶⁵, ou, segundo uma autoridade das missões católicas portuguesas, “impregnar de portuguesismo a paisagem africana” .. neste caso extensível a Timor.⁶⁶

Não deixa de intrigar a atitude de Almeida, que descreveu costumes e técnicas tradicionais com tanta minúcia, ambicionando uma inventariação completa. Parece que queria fazer um registo de itens, a ser efectuado antes do seu desaparecimento total, a favor da cultura portuguesa. As suas publicações, redigidas para um grande público ou um fóro internacional, serviam também para criar e corroborar uma imagem da febril actividade científica dos portugueses nas colónias, uma “ocupação científica” que seguia a ocupação militar e política, nas palavras de Mendes Correia.⁶⁷

⁶² Almeida e Castro e Almeida 1977: 672. (Almeida 1994: 672).

⁶³ Almeida 1976-77: 145. (1994: 665).

⁶⁴ Almeida 1961: 38. (1994: 460).

⁶⁵ Valverde 1997: 77.

⁶⁶ Silva Rego (1962), citado por Valverde 1997: 91.

⁶⁷ Correia 1945: 3.

A paradoxalidade de Almeida assenta no facto de ter estudado práticas que estavam, na sua opinião, condenadas a ser extintas e substituídas pelas superiores práticas portuguesas. Assim, assistir-se-ia ao oficialmente tão desejado “aportuguesamento das colónias”. No Estado Novo, era geral a ideia de que as culturas dos povos colonizados eram pobres e inferiores,⁶⁸ e, por isso, não mereciam grande interesse, o que explica a escassez de trabalhos antropológicos focalizando o aspecto cultural. A rejeição da cultura indígena, por parte dos portugueses, evidenciou-se também em medidas oficiais, tal como no caso de Timor, em 1954, quando foi oficialmente proibido o uso da *lipa* (pano posto à cintura, na Indonésia chamado *sarung*), como parte do vestuário dos homens.⁶⁹

Tal medida e a ideologia que lhe estava subjacente não se enquadrava na tese de Gilberto Freyre sobre o “lusotropicalismo”, que, aliás, nunca foi aceite, na íntegra, pelos homens do Poder.⁷⁰ Estes tinham alguma simpatia pela ideia inerente ao lusotropicalismo, que a presença dos portugueses nos trópicos era diferente, mais humana do que a de outros poderes colonizadores. Mas o conceito de “civilização lusotropical”, em que

as várias culturas sob influência portuguesa trocam elementos culturais entre si - sendo a cultura portuguesa apenas um dos parceiros, ao mesmo nível dos outros -, claramente não se coadunava com a ideia que a cultura portuguesa era superior, ideia que também transpirava em muitas obras antropológicas dos portugueses na época.

Faltava, portanto, uma valorização das culturas tradicionais. Mas também faltava uma verdadeira e sincera implementação duma missão civilizadora. A actuação dos portugueses durante a maior parte do período de contactos com Timor caracterizou-se pela indiferença, por campanhas militares sangrentas e pela exploração económica.⁷¹ Na visão de muitos dos oficiais coloniais em Timor e noutros territórios, o mais importante elemento da missão civilizadora era ensinar a trabalhar - quer isto dizer, sob as condições dos Portugueses.⁷²

A convicção da superioridade da cultura portuguesa, que, mais tarde ou mais cedo, se iria impor à cultura material e à religião indígenas, está por vezes explícita nas obras de Almeida e de muitos outros autores. Observando a situação actual naquele país, parece que essa assunção se tornou verdade, nomeadamente no que diz respeito à religião. No entanto, foi apenas durante a ocupação pela Indonésia que se verificou a cristianização da maior parte da população, resultante da pro-

⁶⁸ Ideia expressa, por exemplo, por Marcello Caetano e Oliveira Salazar, em 1954 e 1957, respectivamente. Ver Castelo 1998: 124; Léonard 1997.

⁶⁹ Castelo 1998: 122.

⁷⁰ Acerca da proibição da *lipa* ainda consta que Gilberto Freyre, que conheceu esta medida por intermédio de Ruy Cinatti, protestou. No entanto, encarava esta acção das autoridades como uma excepção ao estilo de actuação dos portugueses nas colónias (Castelo 1998: 122). É de assinalar, ainda, que as autoridades portuguesas fizeram em 1951 um esforço para convencer Freyre a não visitar Timor, na sua viagem pelo Ultramar Português (Castelo 1998: 89). Ver também Cardoso 1997: 52.

⁷¹ Obras recentes, baseadas em pesquisa rigorosa, entre as quais devem ser salientadas as de Monika Schlicher (1996) e de René Pélissier (1996), comprovam isso.

⁷² Veja sobre esta questão Schlicher 1996: 299-305. Era oficial a opinião de que era fundamental “ensinar o negro a trabalhar, dando-lhe os meios e obrigando-o a tanto”, nas palavras de Armindo Monteiro, Ministro das Colónias e dos Negócios Estrangeiros nos anos 30. Ver Castelo 1998: 85-86.

cura de uma identidade colectiva distinta da dos ocupantes. Por outro lado, mantiveram-se numerosos elementos das culturas tradicionais. Em que medida, depois do domínio indonésio, aspectos tradicionais, portugueses, indonésios ou os chamados “globais” estão agora presentes em Timor Loro Sae, e também em que medida estes são mutuamente influentes, é uma questão em aberto. Os trabalhos antropológicos efectuados na época portuguesa, não obstante as reservas possíveis e acima delineadas, terão um papel fundamental para futuros estudos.

5 Referências Bibliográficas

- Almeida, António de. 1946, “Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor”, *Boletim Geral das Colónias* 251: 66-73; 252: 48-54; 253: 104-111; 254: 61-67; 255: 102-108; 256: 93-101; 257: 53-58.
- _____ 1954, “IV Congresso de Pré-História do Extremo Oriente”, *Garcia de Orta* 2-3: 349-357.
- _____ 1959, “Notas sobre artes e ofícios de nativos de Timor Português”, *Garcia de Orta* 3 : 445-451.
- _____ 1961, “Presenças culturais no Timor Português” *Estudos de Ciências Políticas e Sociais* 51: 25-40.
- _____ 1966-67, “Os povos actuais do Oriente Português (Estado da Índia, Macau e Timor Português)”, *Províncias Portuguesas do Oriente - Curso de extensão universitária - Ano lectivo 1966-67*, pp. 5-26. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- _____ 1976-77, “Contribuição para o estudo dos nomes ‘Lúlik’ (sagrados) no Timor de expressão portuguesa”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* 21: 121-142.
- _____ 1994, *O Oriente de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Fundação Oriente, Centro de Estudos Orientais.
- Almeida, António e Almeida, Maria Emília de Castro e. 1977, “À propos des mutilations dentaires à Timor-Dili”, *Glasnik Antropoloskog Drustva Jugoslavije*, Beograd: 101-108.
- Almeida, Maria Emília de Castro e. 1982, *Estudo serológico dos grupos etnolinguísticos de Timor-Dili (sistema Abo)*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar. Estudos, Ensaios e Documentos, nº 141.
- Almeida, José Carlos Pina. 2001, *Commemorations of Portugal: National Identity and Public Celebration*. Tese de Doutoramento, Departamento de Sociologia, Universidade de Bristol.
- Amâncio, Lúcia. 1994, *Masculino e Feminino; A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Areia, M.L. Rodrigues de. 1985, “A investigação e o ensino da antropologia em Portugal após o 25 de Abril”, *Revista Crítica das Ciências Sociais* 18/19/20: 139-152.
- Barnes, R.H. 1995, “Being Indigenous in eastern Indonesia”, in R.H. Barnes, Andrew Gray, Benedict Kingsbury (eds), *Indigenous peoples of Asia*, pp.

- 307-322. Ann Arbor, Association for Asian Studies.
- Bijlmer, Hendricus Johannes Tobias. 1929, *Outlines of the anthropology of the Timor-Archipelago*, Weltevreden, Kolff.
- _____ 1930, “Frizzly-haired peoples in the Pacific, especially those in the Netherlands East Indies”, *Proceedings of the Fourth Pacific Science Congress, Java, May-June 1929*. Pacific Science Association
- Cardoso, Luís. 1997, *Crónica de uma travessia; A época do Ai-Dik-Funam*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Carmo, António Duarte de Almeida e. 1965, *O povo Mambai; Contribuição para o estudo do povo do grupo linguístico Mambai-Timor*, Lisboa, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas do Ultramar.
- Castelo, Cláudia, 1998 “ *O modo português de estar no mundo*”; *O lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento.
- Castro, Alberto Osório de. 1996, *A ilha verde e vermelha de Timor*, Lisboa, Cotovia. (Primeira edição 1943.)
- Cinatti, Ruy. 1987, *Motivos artísticos timorenses e a sua integração*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical / Museu de Etnologia.
- _____ 1996, *Um cancionero para Timor*, Lisboa, Editorial Presença. [Primeira edição 1969].
- Correia [Corrêa], António Augusto Mendes. 1916a, *Quiocos, Luimbés, Luenas e Lutchazes (notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso)*, Lisboa.
- _____ 1916b, *Timorenses de Okussi e Ambeno*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- _____ 1916c, *Antropologia Timorense*, Porto, Tipografia da Renascença Portuguesa.
- _____ 1932, *Herman ten Kate (um amigo de Wenceslau de Moraes)*, Porto, Universidade do Porto.
- _____ 1941, *A escola antropológica Portuense*, Porto.
- _____ 1944, *Timor português; Contribuições para o seu estudo antropológico*, Lisboa, Ministério das Colónias.
- _____ 1945a, “Missões antropológicas às Colónias”, *Jornal do Médico* 149: 11-12.
- _____ 1945b, “Sobre um problema de biologia humana em Timor português”, *Boletim Geral das Colónias* 235: 13-26.
- Cunha, J. G. de Barros e. 1893-94, “Notícia sobre uma série de crânios da ilha de Timor, existentes no Museu da Universidade de Coimbra”, *O Instituto*, Coimbra 41: 852 ff ; 934 ff ; 1044 ff.
- _____ 1937, “A autenticidade dos crânios de Timor no Museu da Universidade de Coimbra e o estado actual

- dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor”, *Revista da Faculdade de Ciências*, Coimbra 6(3) : 327-385.
- _____ 1944, “Notícias recentes sobre a população de Timor”, 4^a sec., Congresso Luso Espanhol do Pôrto, 1942, Porto, Imprensa Portuguesa.
- De Groot, Joanna. 2000, “Sex’ and ‘race’; the construction of language and image in the nineteenth century”, in Catherine Hall (ed.), *Cultures of empire; Colonizers in Britain and the empire in the nineteenth and twentieth centuries; A reader*, pp. 39-60. Manchester, Manchester University Press.
- Dias, Nélia. 1996, “O corpo e a visibilidade da diferença”, in Miguel Vale de Almeida (ed.), *Corpo presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, pp. 23-44. Oeiras, Celta.
- Duarte, Alice. 1997, “Antropologia portuguesa: A opção etno-folclorista do Estado Novo”, *Trabalhos de Antropologia e de Etnologia* (Porto) 39, 3-4 : 81-96.
- Eriksen, Th.H. 1993, *Ethnicity and nationalism; Anthropological perspectives*, London: Pluto Press.
- Forbes, Anna. 1887, *Insulinde*, London, Blackwood.
- Greenhalgh, Paul. 1988, *Ephemeral vistas; The Expositions Universelles, Great Exhibitions and World’s Fairs, 1851-1939*, Manchester, Manchester University Press.
- Guterres, Justino e Virgílio Simith. 2001, “The looting and dispersion of cultural heritage. Political, social and cultural consequences”, Comunicação apresentada no Colóquio *Nationbuilding in East Timor*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 21, 22 e 23 de Junho de 2001.
- Hicks, David. 1972, “Timor-Roti. Eastern Tetum”, in Frank LeBar (ed.), *Ethnic groups of Insular Southeast Asia, vol. 1. Indonesia, Andaman Islands, and Madagascar*, pp. 97-103. New Haven, Human Relations Areas Files Press.
- Kohen, Arnold S. 1999, *Biografia de D. Ximenes Belo; Por Timor*, Lisboa, Ed. Notícias.
- Labrousse, Pierre. 2000, “Les races de l’Archipel ou le scientisme in partibus (France, XIXe siècle)”, *Archipel* 60 (Paris): 235-265.
- Léonard, Yves. 1997, “Salazarisme et Lusotropicalisme, histoire d’une appropriation”, *Lusotopie – Lusotropicalisme. Idéologies coloniales et identités nationales dans les mondes lusophones*, pp. 211-226. Paris, Karthala.
- Meneses, Francisco Xavier. 1968, *Contacto de culturas no Timor Português. Contribuição para o seu estudo*, Tese, Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Pannell, Sandra. 1992, “Travelling to other worlds : Narratives of Headhunting, Appropriation and the Other in the “Eastern Archipelago””, *Oceania* (Canberra) 62: 162-178.

- Pélissier, René. 1996, *Timor en guerre; Le crocodile et les Portugais (1847-1913)*, Orgeval, Pélissier.
- Pereira, Rui. 1986, *Antropologia aplicada na política colonial portuguesa; A Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português*, Lisboa, Faculdade das Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Pohle, Hermann. 1970, *Festschrift zum hundertjaehrigen Bestehen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. 2. Fachwissenschaftliche Beiträge*, Berlin, Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.
- Proctor, Robert. 1988, "From Anthropologie to Rassenkunde in the German anthropological tradition", in George W. Stocking Jr. (ed.), *Bones, Bodies, Behavior; Essays on biological anthropology*, pp. 138-179. Madison, The University of Wisconsin Press.
- Riedel, J.G.F. 1886, *De sluik- en kroesharige rassen tusschen Selebes en Papua*, 's Gravenhage, Nijhoff.
- Rony, Abdul Kohar e Wiarda, Ieda Siquera. 1997, *Bibliography; The Portuguese in Southeast Asia: Malacca, Moluccas, East Timor*, Hamburg, Abera Verlag.
- Rowland, Ian. 1992, *Timor, including the islands of Roti and Ndao*, World Bibliographical Series vol. 142, Oxford.
- Schlicher, Monika. 1996, *Portugal in Ost-Timor - Eine kritische Untersuchung zur portugiesischen Kolonialgeschichte in Ost-Timor, 1850 bis 1912*, Hamburg, Abera-Verlag.
- Schouten, M.J.C. "Têxtil e status; A fabricação artesanal de panos por mulheres na Ásia do Sudeste", *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- Schulte Nordholt, H.G. 1971, *The political system of the Atoni of Timor*, The Hague, Nijhoff.
- Severin, Tim. 1998, *The Spice Island Voyage; In search of Wallace*, London, Abacus. [Primeira edição 1997.]
- Sherlock, Kevin 1980, *A bibliography of Timor including East (formerly Portuguese) Timor, West (formerly Dutch) Timor and the Island of Roti*, Canberra, The Australian National University, Research School of Pacific Studies.
- Stocking, George W. Jr. 1987, *Victorian anthropology*, New York
- _____ 1988, *Bones, Bodies, Behavior; Essays on biological anthropology*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- _____ 1991, "Maclay, Kubary, Malinowski: Archetypes from the dreamtime of anthropology", in G.W. Stocking (ed.), *Colonial situations; Essays on the contextualization of ethnographic knowledge*, pp. 9-79. Madison, The University of Wisconsin Press.
- Suparlan, Parsudi. 1980, "Orang Timor Timur", *Berita Antropologi* (Jakarta) 11, 36 : 37-67.

- Valverde, Paulo. 1997, "O corpo e a busca de lugares de perfeição; escritas missionárias da África colonial portuguesa, 1930-60", *Etnografica* (Lisboa) 1, 1 : 73-96.
- Wadley, Reed L. 2000, "Reconsidering an ethnic label in Borneo; The 'Maloh' of West Kalimantan, Indonesia", *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* (Leiden) 156-1: 83-101.
- Wallace, Alfred Russel. 1962, *The Malay Archipelago*, New York, Dover Publications. [Primeira edição 1869.]
- Winthrop, Robert H. 1991, *Dictionary of concepts in cultural anthropology*, New York, Green Press.
- Young, Robert J.C. 1995, *Colonial desire; Hybridity in theory, culture and race*, London, Routledge.